



CIES e-Working Paper N.º 211/2017

Grupos focais: uma reflexão metodológica

Cristina Santos

CIES e-Working Papers (ISSN 1647-0893)

Av. das Forças Armadas, Edifício ISCTE, 1649-026 LISBOA, PORTUGAL, cies@iscte.pt

Cristina Santos é docente de unidades curriculares ligadas à comunicação e à publicidade, na ULHT, é doutorada em sociologia (ISCTE-IUL), na área do consumo, e mestre em comunicação, cultura e tecnologias da informação (ISCTE-IUL). Possui várias formações intermédias complementares em áreas ligadas à criatividade (Produções Fictícias) e ministrou diversos workshops de investigação no CIES (ISCTE-IUL). Tem publicado artigos (com arbitragem científica) em revistas nacionais e internacionais e apresentado comunicações em congressos, colóquios e encontros nacionais e internacionais.

Resumo

Os grupos focais¹ são uma metodologia qualitativa versátil, que privilegia a interação social na recolha e na clarificação de dados, isto é, trata-se de um método que poderá facultar importantes contributos, ao deter a capacidade não só de gerar inputs novos ou adicionais à problemática em estudo, como é igualmente propenso a aclarar informação recolhida. Com uma dinâmica própria, assente na abertura e na espontaneidade dos testemunhos dos participantes na discussão grupal, é um método que explora as particularidades da entrevista simultânea. O presente working paper tem como objetivo caracterizar esta metodologia, através de uma reflexão sobre a sua génese, ao explicar as suas especificidades, com particular enfoque nas singularidades decorrentes de uma técnica centrada na convivência de grupo. Para o efeito, recorreremos a uma revisão da literatura, articulada com a partilha da nossa experiência enquanto moderadora de grupos focais, com os quais trabalhamos para a nossa investigação de doutoramento². Desta forma, esperamos poder contribuir não só para a clarificação da temática, como para uma maior inclusão da metodologia, que se apresenta como pertinente, em futuras pesquisas, dado o seu potencial metodológico.

Palavras-chave: grupos focais; interação grupal; metodologia.

Abstract

Focus groups are a versatile qualitative methodology, which favors social interaction in data collection and clarification, that is, it is a method that can provide important contributions by detaining the capacity not only to generate new or additional inputs to the study of a subject, but also to clarify the information collected. With a specific dynamic, based on the openness and spontaneity of the testimonies of the participants

¹ Ferreira (2004) realça o facto de não ser consentânea a tradução da nomenclatura da metodologia *focus groups*, proliferando, por esse motivo, diversas terminologias, tais como: grupos focais (tradução literal, por nós adotada); entrevistas focalizadas; discussões focalizadas; entrevistas de grupo focalizadas; entrevistas focalizadas de grupo; grupos de discussão; grupos de discussão focalizada e painéis de sensibilização.

² Para a nossa investigação de doutoramento, cujo objetivo principal era compreender qual o lugar que as dinâmicas de consumo de marcas de vestuário e de calçado poderão ocupar na construção identitária juvenil, recorreremos a uma estratégia multi-metodológica, articulando duas orientações, oriundas de diferentes tradições: os métodos quantitativo e qualitativo, na medida em que ambos poderão fornecer distintas, mas igualmente preciosas e complementares, contribuições epistemológicas (Miller et al., 1998; Brannen, 1992, 2005; Moreira, 2007; Duarte, 2009). Nesse sentido, utilizámos, numa fase inicial, o inquérito por questionário e, numa etapa seguinte, os grupos focais, ambos aplicados à amostra da nossa pesquisa, constituída por estudantes, dos sexos feminino e masculino, dependentes residencial e monetariamente do agregado familiar, que se encontravam a frequentar o 9º ano de escolaridade no ano letivo 2012/2013, num dos três estabelecimentos de ensino de Cascais participantes no nosso estudo: o Colégio do Amor de Deus, a EB 2,3 Escola Matilde Rosa Araújo e a Escola Salesiana de Manique.

A nossa tese de doutoramento poderá ser consultada em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/10987>.

in the group discussion, it is a method that explores the particularities of the simultaneous interview. The aim of this paper is to characterize this methodology, through a reflection on its genesis, explaining its specificities, with particular focus on the singularities of a technique centered on group coexistence. So, we did a review of the literature, articulated with the sharing of our experience as a focus group moderator, with which we worked for our PhD research. In this way, we hope to be able to contribute not only to the clarification of the thematic, but also to a greater inclusion of this pertinent methodology, in future researches, given its methodological potential.

Keywords: focus groups; group interaction; methodology.

Introdução

O Os grupos focais são um método que privilegia a abertura e a espontaneidade dos testemunhos dos participantes, valorizando a liberdade discursiva na recolha e na clarificação de dados. O presente working paper tem como objetivo refletir sobre esta metodologia qualitativa multifacetada, dinâmica e flexível, caracterizando-a e explanando a sua génese, não sem antes fazer uma breve incursão pela respetiva história, revelando os seus primórdios. Para cumprir este propósito, efetuámos uma revisão da literatura, complementada com a nossa experiência enquanto moderadora desta técnica, a qual utilizámos para obter e aclarar dados na nossa tese de doutoramento. Pretendemos, assim, demonstrar o potencial metodológico dos grupos focais, tendo em conta os relevantes contributos que facultaram à nossa investigação.

Grupos focais: a origem

Robert K. Merton criou os grupos focais durante a década de 1940³. Este método, de origem anglo-saxónica, foi utilizado, numa fase inicial, durante a II Guerra Mundial, junto da população norte-americana, com dois propósitos distintos: pretendia-se, por um lado, conhecer a opinião dos soldados relativamente à eficácia do material de treino bélico usado e procurava-se saber qual o efeito surtido pela propaganda junto dos cidadãos civis, numa auscultação à opinião pública (Merton et al., 1990; De Antoni et al, 2001; Ferreira, 2004; Weller, 2006; Gaskell, 2010). Finda a Grande Guerra, num período em que o consumo

³ Robert K. Merton partilhou a autoria desta técnica com alguns dos seus colaboradores. No entanto, perante a leitura de diversas obras, deparámo-nos com algumas divergências, no que concerne à respetiva atribuição: Robert K. Merton e Patricia L. Kendall (Gaskell, 2010); Robert K. Merton, Patricia L. Kendall e Paul Lazarsfeld (Weller, 2006), Robert K. Merton, Marjorie Fiske e Patricia L. Kendall (Ferreira, 2004).

começa a ganhar importância (Ritzer e Jurgenson, 2010) e em que se reconhece que as decisões dos consumidores são influenciadas pelo contexto social, através da partilha e troca de ideias e perspetivas (Patton, 2002), inicia-se a utilização dos grupos focais nas pesquisas de marketing (Morgan, 1998; De Antoni et al., 2001; Weller, 2006). Nesta fase, a metodologia detinha, maioritariamente, um carácter de inquirição experimental, isto é, procurava-se saber qual seria a interpretação da audiência relativamente às mensagens transmitidas pelos meios de comunicação de massa, aferindo-se quais seriam as suas impressões relativamente ao que havia sido veiculado (Merton et al., 1990; Gondim, 2002; Ferreira, 2004).

A partir de 1970 o uso dos grupos focais cruza uma série de outros domínios (Morgan, 1998), assistindo-se, dez anos volvidos, a um crescimento expressivo da sua utilização (Gondim, 2002), começando a ser recorrente nos estudos de mercado e em investigações nas esferas da saúde e das ciências sociais, mas também da política (Dall’Agnol e Trench, 1999; De Antoni et al., 2001; Ferreira, 2004; Trad, 2009; Liamputtong, 2011). Assim, é somente no final da década de 1980 que este método é utilizado na sociologia (Morgan, 1996; Ferreira, 2004), tendo sido, até então, preterido (Gomes, 2005). Aliás, nas pesquisas sociais, a aposta nesta metodologia não detém tradição na área, ao contrário de, por exemplo, o inquérito e a entrevista individual (Ferreira, 1986; Morgan, 1993; Morgan e Krueger, 1993; Moreira, 1994; Lima, 1995; Bloor et al., 2001; Ghiglione e Matalon, 2001; Foddy, 2002; Gomes, 2005).

A génese de uma metodologia qualitativa: algumas reflexões sobre os grupos focais

Nos grupos focais discute-se um conjunto de tópicos pré-definidos, durante uma a duas horas e meia, em que o moderador, também denominado de facilitador, orienta a sessão. Cada um dos grupos é composto por quatro a quinze participantes, de um universo populacional bem definidos, e as transcrições da discussão grupal servem como informação para uma análise qualitativa⁴ (Berg, 1989; Frey e Fontana, 1993; Fuller et al., 1993; Knodel, 1993; Wolff et al., 1993; Morgan, 1998; Patton, 2002; Gomes, 2005; Ruane, 2005; Trad, 2009; Liamputtong, 2011; Silva et al., 2014). Neto et al. (2002) defendem que na pesquisa social deverão ser os próprios investigadores a realizar os grupos focais, dado que a

⁴ Para a nossa investigação, utilizou-se o software MaxQda, programa informático vocacionado para a análise de conteúdo.

proximidade, o estudo e o conhecimento do objeto em investigação são vitais para uma aplicação assertiva do método. Também a participação no debate é crucial para a interpretação dos dados obtidos. Como técnica, esta prática de investigação ocupa uma posição intermédia entre a observação participante e as entrevistas em profundidade (Gondim, 2002; Liamputtong, 2011), sendo uma metodologia que poderá conciliar baixo custo e tempo reduzido com a rapidez no fornecimento de resultados. Diversos autores ressalvam ainda a adequabilidade deste método à contemporânea inovação tecnológica, através, por exemplo, da utilização da Internet. Os denominados grupos focais virtuais ou online apresentam uma recente, mas crescente, popularidade, dadas algumas das suas vantagens, como a “presença” de indivíduos geograficamente distantes numa mesma sessão, recorrendo-se, por exemplo, a uma webcam (Trad, 2009; Liamputtong, 2011; Silva et al., 2014).

Trata-se de um método que estimula o debate aberto (Gaskell, 2010), o qual evolui através de um processo dialógico em que os indivíduos geram e trocam (Miller et al., 1998) “(...) common meanings and shared knowledge” (Miller et al., 1998: 63). É dada a oportunidade de todos os intervenientes participarem, manifestando a sua visão particular, através da utilização das suas próprias palavras e expressões, ou seja, procura-se que os sujeitos se manifestem o mais livremente possível, fornecendo informações completas e precisas sobre o assunto em causa. Esta espontaneidade, promovida também pela discussão informal que caracteriza os grupos focais, poderá potenciar a descontração dos intervenientes e a consequente fluidez discursiva, possibilitando, assim, o acesso a mais perceções (Ruquoy, 1995; Morgan, 1996, 1998; Patton, 2002; Liamputtong, 2011): “(...) focus groups permit researchers to enter the world of the participants (...)” (Liamputtong, 2011: 5). Deverá prevalecer, portanto, um ambiente permissivo, descontraído e confortável, de modo a que os entrevistados não sintam quaisquer constrangimentos, nomeadamente receio de serem julgados ou ridicularizados perante o que dirão (Ruquoy, 1995; Morgan, 1996, 1998; Patton, 2002; Liamputtong, 2011).

Poder-se-á recorrer à colocação de perguntas específicas ou optar-se por um formato não interrogativo, através do levantamento de temas para debate (Miller et al., 1998). Independentemente da estratégia utilizada, é importante que se infira se não existem demasiados conceitos e questões associadas, de forma a não fatigar os participantes. Além disso, todos os pontos a abordar não deverão ser colocados de uma forma incompreensível, nem tendenciosa. É ainda imperativo que o moderador utilize uma linguagem acessível aos

membros do grupo focal (Knodel, 1993; Lima, 1995). Tendo em conta que as perguntas direccionadas ajudam a assegurar que pontos similares são discutidos pelos diferentes grupos interpelados, permitindo a procura de semelhanças e de diferenças, e possibilitam a manutenção da focagem temática, optámos por criar um guião de entrevista. Apesar de se procurar a obtenção de respostas, através da discussão ancorada nos temas previamente definidos no documento, o guião de entrevista deverá conduzir a conversação de uma forma aparentemente natural e casual.

Assim, pretendíamos interpelar os participantes relativamente a várias dimensões, oriundas da análise da etapa metodológica precedente, o inquérito por questionário, que considerámos ser necessário e pertinente serem alvo de um escrutínio qualitativo (Merton et al., 1990; Morgan, 1997; Gaskell, 2010; Silva et al., 2014). Procurávamos “(...) desmascarar as actuações cotidianas, procurando descobrir o que elas revelam a partir do que ocultam” (Pais, 2007: 1) e “(...) analisar o significado das respostas para além do seu sentido imediato (...)” (Lima, 1995: 28). De facto, “(...) o interesse da entrevista é ultrapassar as opiniões captáveis pelo questionário” (Ruquoy, 1995: 100) e é “este labor de rebuscar o que se tende a descurar – o que fica de lado, à margem – é o que torna profícua a pesquisa (...)” (Pais, 2001: 308).

Efetivamente, almejávamos que a metodologia qualitativa funcionasse como um processo de clarificação, tendo em conta a discussão de alguns dos dados de carácter estatístico precedentemente recolhidos e analisados (Ferreira, 1986; Ghiglione e Matalon, 2001; Alves, 2002), pretensão que concretizámos, já que as conclusões oriundas dos grupos focais permitiram, de certa forma, contextualizar, enquadrar e emoldurar alguns dos resultados obtidos com o inquérito por questionário. Ora, de facto, esta metodologia permite conhecer a posição dos participantes relativamente aos dados detetados e compreender as informações recolhidas, descobrindo-se ‘o que se esconde’ por detrás de cada resposta dada, isto é, a respetiva significação (Lopes, 1996; Bloor et al., 2001). Também Lopes (1996) usou os grupos focais como uma técnica para aclarar os resultados provenientes das fases anteriores de recolha e tratamento da informação. Wolff et al. (1993) concluíram, igualmente, que a metodologia pode ser utilizada para ilustrar, confirmar e explicar os dados quantitativamente obtidos.

No fundo, através dos grupos focais, ambicionávamos que o aprofundamento dos significados atribuídos pelos jovens às problemáticas em estudo, explorado de forma mais

vincada pela discussão grupal, através da respetiva troca informativa, providenciase o contexto para entender porque os participantes poderiam opinar e sentir de determinada forma, relativamente às temáticas presentes no inquérito por questionário (Ruane, 2005). A etapa qualitativa permitiu-nos clarificar dois pontos específicos, inferidos, mas não compreendidos, com base na análise quantitativa: esclarecer alguns aparentes paradoxos e depreender o raciocínio seguido pelos inquiridos nas opções assinaladas na aplicação do documento e cujos resultados nos tinham surpreendido.

No entanto, não descurámos o potencial metodológico dos grupos focais para, além de clarificar dados, gerar informação. Com base nos seus estudos, Wolff et al. (1993) e Miller et al. (1998) detectaram que os grupos focais poderão permitir a obtenção de uma considerável diversificação de dados, conclusão por nós corroborada, já que esta metodologia enriqueceu a nossa investigação, ao confrontar-nos com perspetivas que não tínhamos equacionado, inicialmente. Alguns autores, tal como Catré et al. (2014), verificaram que o método permite a identificação de novas categorias exploratórias, isto é, que não tinham sido antecipadas aquando da planificação da pesquisa. Trata-se, portanto, de uma prática de investigação importante no próprio processo de produção da informação, ao permitir a obtenção de uma considerável diversificação de dados (Merton et al., 1990; Morgan, 1996; Ferreira, 2004). De facto, com a interação grupal crescem as probabilidades de emergirem aspectos temáticos que poderiam ter sido negligenciados ou esquecidos (Merton et al., 1990; Liamputtong, 2011). A própria natureza dos grupos focais poderá potenciar uma particular propensão dos seus membros para lembrarem e revelarem conteúdos que, de outra forma, permaneceriam silenciados (Merton et al., 1990; Bloor et al., 2001). A partilha discursiva e a subsequente comparação poderão conduzir o indivíduo a aclarar a sua visão sobre o tema em debate (Morgan, 1998), uma vez que os membros do grupo vão-se estimulando ao longo da conversa (Frey e Fontana, 1993; Gomes, 2005). Em suma, os grupos focais permitem a extração de avultada informação, já que a entrevista simultânea permite a partilha de visões, o que poderá ajudar os participantes a clarificarem a sua própria opinião (Morgan e Krueger, 1993).

Diversos motivos justificam a flexibilidade atribuída aos grupos focais: tanto funcionam enquanto um processo de recolha, como de clarificação de dados; poderão ser usados isoladamente ou combinados com outros métodos e é possível serem utilizados em diferentes momentos da pesquisa (numa fase preliminar e exploratória, numa etapa intermédia ou final) (Morgan, 1997, 1998; Bunchaft e Gondim, 2004; Trad, 2009; Silva et al., 2014). Segundo Zeller (1993), ao se utilizar, numa primeira fase, uma técnica quantitativa,

seguida dos grupos focais, tal poderá permitir que os seus membros participem na discussão, após um prévio exercício reflexivo, estratégia que, como mencionámos, acabámos por adotar. Portanto, o preenchimento do inquérito por questionário pôde estimular a reflexividade, ao confrontar os participantes com algumas das questões que seriam abordadas nos grupos focais, tornando, desta forma, o debate potencialmente mais produtivo.

Como vimos, esta metodologia qualitativa permite cumprir vários objetivos: clarificar, ampliar, atenuar ou contestar indícios produzidos por outros métodos, interpretando-os e providenciando um sentido à informação recolhida (Bloor et al., 2001); gerar dados novos ou adicionais acerca dos pensamentos, das experiências, dos comportamentos, e respetivo móbil, dos intervenientes sobre uma determinada temática (Frey e Fontana, 1993; Morgan, 1998); conhecer o grau de consensualidade e diversidade sobre um tema ou investigar atitudes e motivações complexas (Morgan e Krueger, 1993; Morgan, 1996, 1998; Gomes, 2005), as quais poderão não ser avaliáveis através de outras técnicas. Ao ser uma prática de investigação flexível e transversal, os grupos focais poderão ser usados noutros meandros, visando o alcance de diferentes propósitos, como a intervenção e a tomada de decisões em ambientes clínicos (diagnóstico e intervenção terapêutica dos próprios participantes do grupo) e profissionais (processo de aprendizagem grupal de uma equipa de trabalho).

Os indivíduos que participam nesta técnica qualitativa poderão divulgar, voluntariamente, a sua experiência particular como forma de corroborar as suas convicções, concordando ou discordando dos restantes membros, através da confrontação dos vários testemunhos, fazendo com que, coletivamente, se questionem assunções. Como consequência, os grupos focais permitem que os intervenientes efetuem ‘retrospectivas introspectivas’, isto é, que partilhem e reflitam sobre as próprias vivências, dinâmica que permite o acesso a fragmentos biográficos (Berg, 1989; Knodel, 1993; O’Brien, 1993; Bloor et al., 2001). Na nossa indagação, por exemplo, verificámos essa tendência: muitos dos presentes retratavam episódios da sua vida como forma de ilustrar o seu testemunho. Em alguns casos focaram as inseguranças e os dilemas que marcam o seu quotidiano, frisando até, inclusive, aspectos íntimos que caracterizam a sua dinâmica familiar, ainda que o conhecimento de tais informações fugisse do âmbito da temática em debate. Trata-se de uma situação de alguma forma expectável, resultante da espontaneidade dos seus discursos. Assuntos como o divórcio e a doença dos pais foram referenciados, identificados por si como alguns dos problemas com os quais se confrontam.

Ainda assim, a gênese desta técnica não assenta na confiança de revelações pessoais, mas no comentário de situações específicas a que todos os presentes tenham sido expostos (Merton et al., 1990). Por norma, os participantes querem perceber-se, mutuamente, encontrando-se interessados em descobrir informações sobre os outros, detendo curiosidade em saber como os restantes sujeitos lidam com a mesma situação pela qual já passaram (Morgan, 1998). Na base da opção por este tipo de metodologia está a convicção de que é possível conhecer melhor as atitudes, as crenças e os sentimentos dos atores sociais, quando existe uma interação de grupo, dada a propensão para o surgimento de uma maior multiplicidade de opiniões e de processos emocionais, mais limitados em situação de entrevista individual (Ferreira, 2004).

Conforme mencionado anteriormente, o formato flexível dos grupos focais permite a exploração de temáticas não previstas, o que poderá ser vantajoso, se estas forem pertinentes para a investigação em curso (Frey e Fontana, 1993; Morgan, 1998). No entanto, poder-se-á concluir a existência de uma elevada produção de informação irrelevante para o estudo em causa (Frey e Fontana, 1993), o que não será benéfico para a pesquisa, pelo que se deverá gerir a direção da discussão, mantendo-a relativamente focalizada (Dall’Agnol e Trench, 1999). Uma forma para implementar o debate moderadamente focado poderá residir na estratégia do ‘funil’, isto é, à medida que a discussão avança, as questões tornam-se cada vez mais específicas. Pelo facto de as perguntas iniciais serem mais genéricas, tal poderá auxiliar os participantes a falarem e a pensarem sobre o tópico. Esta abordagem pode tornar possível aceder às perspetivas da população em estudo, na primeira parte da discussão e, simultaneamente, às respostas a interesses objetivos do investigador, na segunda parte da sessão de grupo focal (Morgan, 1997; Krueger e Casey, 2009, citados por Silva et al., 2014; Silva et al., 2014).

Neste caso específico, o papel do moderador poderá ser particularmente determinante. Por norma, o facilitador deverá ser um mero ‘espetador’, pois o objetivo é que a troca de ideias decorra entre os participantes, uma vez que as discussões mais produtivas ocorrem quando os intervenientes falam entre si e não com o moderador (Zeller, 1993). Porém, tal nem sempre é possível de acontecer, da forma pretendida. Nas sessões de grupos focais que desenvolvemos para a nossa investigação inferimos, por exemplo, que a partilha grupal poderá desencadear a dispersão discursiva dos participantes, pois ao conversarem entre si, por vezes surgem outros assuntos referentes ao seu quotidiano, e alheios à pesquisa, o que nos obrigou a intervir, no sentido de retomar o direcionamento temático desejado.

No entanto, há que gerir a dinâmica grupal com cautela, pois existem duas dimensões a ponderar, as quais poderão desembocar num paradoxo. Ora vejamos: por um lado, a fiabilidade dos dados obtidos pressupõe uma atitude não-diretiva, já que o moderador, ao socorrer-se de questões muito estruturadas, poderá condicionar o raciocínio dos participantes; simultaneamente, e quando se procura a validade informativa, impõe-se que a discussão seja conduzida com alguma diretividade, com o intuito de se garantir a pertinência dos discursos, do ponto de vista dos objetivos do estudo. Logo, a estratégia mais assertiva poderá residir na adoção de uma postura semi-diretiva (Merton et al., 1990; Ferreira, 2004). Deverá, pois, imperar uma flexibilidade controlada das questões a discutir na sessão grupal (Knodel, 1993; Lima, 1995).

Independentemente do propósito, e de, à priori, todos os participantes estarem relativamente familiarizados com os tópicos em discussão (Silva et al., 2014), os grupos focais funcionam melhor quando o que interessa ao moderador é igualmente aliciante para os restantes intervenientes, contribuindo para o entusiasmo do debate (Morgan, 1998). Tal como qualquer conversação diária, esta prática de investigação deverá ser experienciada como um encontro social agradável (Merton et al., 1990; Ruane, 2005). Patton (2002) afirma que esta é, de facto, a tendência nos grupos focais, em que a oportunidade de “(...) ‘share and compare’ (...)” (Morgan, 1997: 20) é frequentemente apontada como um dos aspectos mais interessantes da experiência, sendo recorrendo ouvir, por parte dos participantes, em reação ao discurso proferido por outrem, “(...) ‘Yes, but’...(...)” (Morgan, 1997: 21). Carey menciona que, por norma, os participantes consideram as sessões de grupos focais: “(...) agradáveis (...), informativas e fornecedoras de um sentido de normalidade das experiências. A oportunidade de ter uma voz no assunto (...) faz os participantes sentirem-se importantes e com poder” (2007: 238).

Outra questão a ponderar centra-se no facto de determinados temas, aparentemente encarados como ‘seguros’ para o moderador, poderem ser, na realidade, ‘sensíveis’ para os participantes (Bloor et al, 2001). Aliás, qualquer tópico de investigação tem potencial para ser delicado, uma vez que a sensibilidade de um assunto não é fixa, mas socialmente construída (Farquhar e Das, citados por Bloor et al., 2001). No entanto, os grupos focais são, por vezes, apresentados como detendo o ambiente ideal para a pesquisa de temáticas desta índole, uma vez que os participantes poderão sentir-se mais descontraídos e menos inibidos na presença dos seus pares, eventualmente amigos ou colegas (Bloor et al., 2001). Existe, portanto, um mito relativamente à ideia de que nesta metodologia não são discutíveis assuntos desse teor,

uma vez que os intervenientes não estariam dispostos a discuti-los em grupo, dado o foro íntimo a que se poderiam reportar (Morgan, 1996, 1998; Silva et al., 2014): “(...) focus groups are likely to reveal diverse understandings which often are difficult to access by more orthodox methods of data collection” (Liamputtong, 2011: 5).

A este propósito, Miles (1998) realça a relevância de os indivíduos se sentirem à vontade com os restantes membros presentes. Na nossa investigação, todos os participantes de cada uma das sessões de grupos focais se conheciam, pois frequentavam o mesmo ano letivo e estabelecimento de ensino, ainda que não necessariamente na mesma turma. Apercebemo-nos que, por esse motivo, por vezes se efetuavam comentários em relação ao que um dos elementos afirmava sobre si próprio, porque conheciam algumas das suas rotinas e histórias de vida. O facto de os grupos focais ocorrerem em cenários onde existem processos de comunicação interpessoal entre os participantes poderá conduzir os presentes a (re)construir o seu discurso com base nos depoimentos dos restantes intervenientes (Albrecht et al., 1993; Lopes, 1996). Berg (1989) frisa que a maioria dos investigadores que recorre a esta técnica reconhece que a preponderância do grupo poderá distorcer o juízo individual. Porém, se a convicção dos atores sociais poderá sofrer alterações ao longo do debate, sendo ‘contaminada’ por uma eventual pressão grupal (Crabtree et al., 1993), outros autores acreditam que neste método não existe qualquer coação para o grupo tomar uma decisão conjunta ou chegar a um consenso (Morgan, 1998; Neto et al., 2002), independentemente do facto de os dados obtidos refletirem noções coletivamente partilhadas e negociadas (Berg, 1989).

De realçar ainda que se a interação, nesta metodologia, está relacionada com o isomorfismo da opinião grupal, esta técnica detém validação externa, pois mesmo as convicções pessoais derivam da esfera social, em detrimento de processos individuais (Albrecht et al., 1993). Em suma, diversos autores apresentam perspetivas distintas. Se a crença de que os grupos focais terão de ser constituídos por participantes que se desconhecem é falaciosa, segundo Morgan (1997) e Gaskell (2010), Weller (2006), argumenta que, de uma forma geral, os indivíduos são encorajados a partilhar informações, não sendo necessário que os membros de um grupo focal se conheçam ou tenham algum tipo de vínculo.

Não obstante, e tendo em conta que o receio da desaprovação social poderia comprometer a sinceridade dos discursos partilhados, as instruções do moderador deverão amenizar uma hipotética influência social, criando uma atmosfera favorável à discussão.

Será, pois, vantajoso realçar a relevância das manifestações de cada um dos presentes, independentemente da concordância dos restantes membros, assim como a inexistência de respostas ‘certas’ ou ‘erradas’. Convém que prevaleça a ideia de que todos os pensamentos são equitativamente legítimos e os testemunhos de todos igualmente válidos, importantes e bem-vindos, de forma a fomentar o surgimento de eventuais opiniões divergentes (Merton et al., 1990; Zeller, 1993; Dall’Agnol e Trench, 1999; Gondim, 2002; Gomes, 2005; Trad, 2009). Estas indicações são igualmente válidas para o moderador, o qual deverá manter-se neutro, isto é, não dando qualquer sinal de conformidade ou de desacordo perante o que está a ser dito, nomeadamente ao controlar a sua linguagem não-verbal (Carey, 2007).

Ora, esta ideia de que as relações eventualmente estabelecidas pelos sujeitos entre si poderá resultar em padrões de resposta, ou seja, mais do que estimulados, os intervenientes poderão ser ‘sufocados’, no sentido em que a opinião de um indivíduo poderá provocar oscilações nas dos restantes, tal poderá ocorrer devido a dois motivos. O primeiro prende-se com a convivência, no mesmo grupo, entre membros reservados e dominadores (Berg, 1989; Bloor et al., 2001). Relativamente a esta questão, o moderador deve encorajar todos os membros do grupo focal a participarem na discussão, para conhecer a sua opinião, sendo, dessa forma, um facilitador do debate, ao estimular a manifestação de todos os presentes (Zeller, 1993; Dall’Agnol e Trench, 1999; Gomes, 2005). Assim, deve incentivar os mais reticentes a opinar e desmonopolizar os mais expeditos, gerindo a participação dos sujeitos inibidos e dos dominadores, efetuando um controlo efectivo sobre ambos (Merton et al., 1990; Bloor et al., 2001; Gomes, 2005). Será benéfico impedir a ‘exaltação’ e o ‘arrefecimento’ do discorrer discursivo dos participantes (Neto et al., 2002). Numa das nossas sessões, deparámo-nos com alguma relutância de participação na discussão, dada a timidez, o acanhamento e a introspeção que caracterizou, particularmente, um dos grupos focais. Como consequência, tivemos que pedir, individualmente, a cada um dos intervenientes, a sua opinião, ao longo da conversa, com o objetivo de garantir a intervenção de todos os presentes na discussão. Desta forma, assumimos um papel mais interventivo e pró-activo, logo, tivemos uma participação menos pontual e um maior controlo sobre o decorrer do debate. Assim, é a própria dinâmica do grupo que irá ditar o tipo de intervenção a aplicar. Afinal, “(...) it is your focus, but it is their group” (Morgan, 1998: 10).

A segunda causa reside na possível existência de conflitos interpessoais. Como consequência, convém que o moderador esteja preparado para administrar eventuais tensões geradas no seio do grupo e para o surgimento de hipotéticas disputas, delineando estratégias

para lidar com este tipo de situações, atempadamente. O que inicialmente poderá aparentar ser inócuo, é passível de tomar um rumo completamente díspar ao longo da conversa: ao serem uma estrutura socialmente dinâmica, os grupos focais poderão ser imprevisíveis. Portanto, e mesmo que não seja sempre possível de implementar, é desejável que o moderador antecipe e controle, minimamente, a direção da discussão grupal (Merton et al., 1990; Frey e Fontana, 1993; Bloor et al., 2001).

Independentemente de os participantes nos grupos focais se poderem ou não conhecer, é consensual a importância de estes serem compatíveis entre si, isto é, demograficamente similares, de forma a aumentar o conforto e a diminuir a inibição, inerente à exposição a que poderão estar sujeitos (Miles, 1998; Trad, 2009), devendo deter: “(...) similar backgrounds (...)” (Patton, 2002: 385). Aparentemente, quanto mais social e intelectualmente análogo for o grupo focal, mais produtivo se tornará o debate, já que as pessoas partilham melhor a informação com outros que lhes pareçam, de alguma forma, semelhantes (Merton et al., 1990; Carey, 2007). Indivíduos com estatutos sociais díspares poderão relatar experiências às quais os restantes sujeitos sejam completamente alheios, encarando-as como insignificantes, podendo, inclusive, sentir-se melindrados a participar por poderem considerar que o seu contributo discursivo seria dispensável ou ridicularizado (Merton et al., 1990). Os critérios de segmentação mais pertinentes são, para Merton et al. (1990), a idade, a ocupação e, principalmente, a educação. Para os autores, a homogeneidade educacional é a dimensão mais relevante. Os elementos que compunham cada um dos nossos grupos focais tinham em comum, por exemplo, a faixa etária (na maioria, 14 anos) e o facto de, tal como vimos, frequentarem o 9º ano de escolaridade na mesma instituição de ensino.

Contudo, não convém esquecer que “(...) the goal is homogeneity in background and not homogeneity in attitudes” (Morgan, 1997: 36). Há que acautelar esta questão: o grupo deverá ser constituído por alguma diversidade, de forma a encorajar a discussão, sem, todavia, tornar-se demasiado heterogéneo, já que poderá resultar no surgimento de um ambiente conflituoso e repressivo, acarretando ainda a possibilidade de, com uma multiplicidade de atores sociais, existir uma proeminente variação de pontos de vista, significados e experiências, os quais poderão ser tão discrepantes que nenhum tópico da temática poderá ser explorado em profundidade (Bloor et al., 2001). Por exemplo, e uma vez que o género dos indivíduos é uma das variáveis independentes do nosso estudo, cada um dos grupos focais era composto por três elementos pertencentes ao sexo feminino e os restantes

três membros eram rapazes. Tal decisão acabou por potenciar a existência de alguma (necessária) variedade.

Quando se procura estimular um debate aberto, é desejável que o moderador transmita confiança (Carey, 2007) e que garanta a confidencialidade da sessão, inclusive por parte dos restantes intervenientes, o que, neste último caso, poderá ser mais difícil de afiançar. Se o anonimato não for assegurado, tal poderá constranger algum dos participantes a desvendarem tópicos eventualmente considerados sigilosos (Berg, 1989; Morgan, 1997, 1998; Bloor et al., 2001). E se os membros do grupo se sentirem apreensivos, hesitantes ou defensivos por temerem a exposição dos seus testemunhos, ao suspeitarem de falta de secretismo, não irão divulgar, na totalidade, as suas perceções (Berg, 1989). Por esse motivo, há moderadores que optam por entregar, a cada um dos presentes, um documento para assinarem, denominado “(...) statement of confidentiality” (Berg, 1989: 115), em que se assume um compromisso de resguardo das informações partilhadas no decorrer do grupo focal. Carey (2007), por exemplo, refere um estudo sobre doentes com HIV, em que ficara acordado apagar o material gravado num prazo de 24 horas.

Por se tratar de uma metodologia interativa, em que a entrevista decorre em simultâneo, num contexto social com vários indivíduos, o moderador assume extrema importância, ainda que a sua influência, apesar de poder estar presente, possa torna-se mais difusa, ao encontrar-se inserido num grupo (Albrecht et al., 1993; Frey e Fontana, 1993). Fazem parte das funções do moderador: incentivar, alimentar e direcionar o debate, indo ao encontro dos pontos que deverão ser abordados, isto é, centralizar a conversa nos tópicos que se pretende conhecer e colocar questões que produzam discussões animadas (Morgan, 1998; Neto et al., 2002). Quanto às suas competências, este deve possuir: sentido de humor, flexibilidade, diplomacia, entusiasmo, sinceridade, disciplina mental, aptidão para a interação grupal, e, principalmente, capacidade para ouvir: ser uma ‘esponja’, absorvendo todas as informações fornecidas pelos participantes (Krueger, 1993). Convém ter ainda presente que o objetivo é angariar informação, e não ensinar, nem corrigir os intervenientes (Krueger, 1993). Dall’Agnol e Trench (1999) alertam para o facto de o moderador não ser um professor, nem um juiz. Assim, este não deve supor que domina mais a temática do que os restantes, pois a finalidade é aprender com os membros dos grupos focais (Morgan, 1998), implementando uma escuta ativa (Ruane, 2005): “Focus groups are fundamentally a way of listening to people and learning from them” (Morgan, 1998: 9). Os respondentes não são meros repositórios do conhecimento, mas os respetivos criadores (Holstein e Gubrium, 1997).

De realçar a perspectiva de Krueger (1993), que identifica algumas características que devem ser aplicadas quando se coloca em prática esta metodologia: clareza do propósito, participantes apropriados (tendo em conta o objeto e o objetivo da investigação), perguntas efectivas (colocar questões específicas e concretas) e ambiente assertivo (o local deve ser de fácil acesso e ‘neutro’, onde os participantes se sintam confortáveis e relaxados, garantir privacidade e estar protegido de ruídos e interrupções externas). No nosso estudo, as sessões decorreram no perímetro escolar, em salas (de reuniões ou de aulas) localizadas em zonas menos ruidosas, de forma a não perturbar o decorrer do grupo focal. Tivemos ainda em atenção que a participação dos jovens não perturbasse o decorrer da respetiva dinâmica escolar, pelo que contámos com a compreensão dos docentes envolvidos, pois os estudantes que participaram na nossa investigação tiveram tolerância para chegar às suas aulas mais tarde, sem penalizações.

Por outro lado, é importante ponderar a disposição da sala onde decorrerá a sessão de grupo focal, sendo preferível colocar as mesas em círculo, de forma a promover a informalidade e a interatividade entre os participantes e o moderador, cuja presença poderá, desta forma, tornar-se menos impositiva, oficial e dominante (Merton et al., 1990; Trad, 2009). Ainda assim, identificámos, ao longo das sessões que moderámos, uma tendência para os presentes nos direcionarem o seu discurso, mesmo tendo acautelado o facto de não termos ocupado uma posição de destaque, pelo lugar ocupado à mesa, pois encontrávamo-nos no meio dos participantes. Aliás, optámos por ser a última pessoa a sentar-se, de forma a garantir que os membros dos grupos focais escolheriam o lugar em que se sentiriam mais confortáveis e de não impormos a nossa presença, pelo que ocupávamos o único lugar que ainda se encontrava vago. A proximidade a que os estudantes se encontravam entre si, assegurou a qualidade das gravações. Usámos, em todas as sessões, dois gravadores, numa tentativa de impedir que o eventual surgimento de um inesperado contratempo pudesse colocar em causa a gravação dos grupos focais (Trad, 2009). Carey (2007) refere que o equipamento de gravação utilizado deve ser tão discreto quanto possível.

A autora acrescenta um elemento que pode ser, no seu entender, determinante: o ‘efeito da comida’. De acordo com a sua experiência, a oferta de bolos, bolachas ou café poderá facilitar a conversa antes da sessão, ajudando, dessa forma, a ‘quebrar o gelo’. Paralelamente, permitirá que o moderador avalie as características dos membros do grupo focal e, dessa forma, potencie a disposição dos lugares onde os participantes se sentarão. Assim, por exemplo, uma pessoa envergonhada pode ficar sentada directamente em frente ao

moderador para que este possa encorajá-la a ser mais interventiva no debate, através do contacto visual que poderá estabelecer (Carey, 2007).

Partindo da literatura que consultaram, Silva et al. (2014) agregaram as várias decisões e tarefas subjacentes à realização dos grupos focais em cinco fases: planeamento, preparação, moderação, análise dos dados e divulgação dos resultados. No que concerne à primeira etapa, levantam-se várias questões, às quais é necessário dar resposta neste estágio: quais são os objetivos orientadores da realização do projecto de investigação, em geral, e dos grupos focais, em particular; qual a estrutura do guião de entrevista; quem deverão ser os participantes; quantos grupos serão constituídos e qual a respetiva dimensão. Na segunda fase (a preparação) encontra-se a estratégia de recrutamento. Os grupos focais assentam, maioritariamente, em amostras intencionais, ainda que se possa apostar em processos aleatórios. Nesta etapa deverão ainda ser ponderadas as condições logísticas de realização dos grupos, assim como a escolha do local. A intervenção do moderador constitui um elemento chave no estágio seguinte: a moderação, sendo preponderante que sejam criadas as condições para que os participantes se sintam confortáveis, respeitados e livres para darem a sua opinião, sendo relevante o papel do moderador para atingir esse propósito. Passemos para a quarta etapa, identificada como a análise dos dados, a qual deve ser sistemática e rigorosa. Por norma, os grupos focais são gravados e, posteriormente, transcritos. Uma vez recolhida e analisada a informação, passa-se para a última etapa, dedicada à divulgação dos resultados, geralmente sob a forma de relatório escrito. A transcrição de frases ilustrativas é importante, já que o relato de citações é uma parte crucial da investigação qualitativa, ao poder potenciar uma maior credibilidade atribuída à análise efetuada. O ciclo do processo engloba, em alguns casos, a partilha dos resultados com os próprios participantes da pesquisa.

Conclusão

Os grupos focais são uma ferramenta de investigação útil, dinâmica e versátil, que podem funcionar enquanto um processo de recolha ou de clarificação de dados, com especificidades que importa conhecer para uma aplicação assertiva do método. Na nossa investigação de doutoramento, por exemplo, esta metodologia demonstrou ser proveitosa, ao ter permitido, entre outras vantagens: aceder à linguagem e ao vocabulário juvenis, eventualmente mais explorados em contexto grupal; recolher uma confrontação de opiniões ou obter perspetivas diferenciadas sobre uma mesma problemática. Convém, portanto, estar

ciente dos benefícios, mas principalmente das cautelas que deverão ser tidas em conta quando se pretende trabalhar com esta metodologia qualitativa, cuja génese assenta no debate aberto e espontâneo. Apesar de ser notória uma tendência para o aumento de publicações que incluem os grupos focais nas suas explanações (Bunchaft e Gondim, 2004), trata-se de uma metodologia que poderia estar ainda mais presente na produção científica portuguesa (Ferreira, 2004). Há vinte anos atrás, já Morgan (1996) perspetivava que apesar de se ter assistido a um incremento da utilização deste método, tendo demonstrando ser uma técnica produtiva e pragmática para os sociólogos, era legítimo questionar qual seria, doravante, o papel dos grupos focais na história da sociologia. Esperamos que o nosso artigo possa ter contribuído, de alguma forma, para a clarificação desta prática de investigação e, eventualmente, impulsionar a sua utilização em futuras pesquisas, tendo em conta o potencial metodológico que, como vimos, demonstra possuir, assente na sua pertinência enquanto método qualitativo.

Bibliografia

- Andersen Albrecht, Terrance et al. (1993), "Understanding communication processes in focus groups", in David Morgan (ed.), *Successful focus groups. Advancing the state of the art*, London, Sage Publications, pp. 51-64.
- Alves, Carlos (2002), *Comportamento do consumidor. Análise do comportamento de consumo da criança*, Lisboa, Escolar Editora.
- Berg, Bruce (1989), *Qualitative research methods for the social sciences*, Boston, Allyn and Bacon.
- Bloor, Michael et al. (2001), *Focus groups in social research*, London, Sage Publications.
- Brannen, Julia (1992), "Combining qualitative and quantitative approaches: an overview", in Julia Brannen (ed.), *Mixing Methods: qualitative and quantitative research*, Ashgate, pp. 3-37.
- Brannen, Julia (2005), "Mixed methods research: a discussion paper", ESRC National Centre for Research Methods, NCRM Methods Review Papers.
- Bunchaft, Alexandra e Sônia Gondim (2004), "Grupos focais na investigação qualitativa da identidade organizacional: exemplo de aplicação", *Revista Estudos de Psicologia*, 21 (2), pp. 63-77.
- Carey, Martha (2007), "O efeito do grupo nos grupos de foco: planejar, implementar e interpretar a investigação com grupos de foco", in Janice Morse, *Metodologia de investigação qualitativa*, Formasau, pp. 224-239.
- Catré, Maria et al. (2014), "O domínio SRPB (Spirituality, Religiousness and Personal Beliefs) do WHOQOL: O estudo com grupos focais para validação da versão em

- Português europeu do WHOQOL-SRPB”, *Revista Análise Psicológica*, 32, (4). Consultado em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312014000400003.
- Crabtree, Benjamim et al. (1993), “Selecting individual or group interviews”, in David Morgan (ed.), *Successful focus groups. Advancing the state of the art*, London, Sage Publications, pp. 137-149.
- Dall’Agnol, Clarice e Maria Trench (1999), “Grupos focais como estratégia metodológica em pesquisas na enfermagem”, *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 20 (1), pp. 5-25.
- De Antoni, Clarissa et al. (2001), “Grupo focal: método qualitativo de pesquisa com adolescentes em situação de risco”, *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 53 (2), pp. 38-53.
- Duarte, Teresa (2009), “A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica)”, CIES e-Working Paper nº 60/2009. Consultado em: http://cies.iscte-iul.pt/destaques/documents/CIES-WP60_Duarte_002.pdf.
- Ferreira, Virgínia (1986), “O inquérito por questionário na construção de dados sociológicos”, in Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento, pp. 165-196.
- Ferreira, Virgínia (2004), “Entrevistas focalizadas de grupo: roteiro da sua utilização numa pesquisa sobre o trabalho nos escritórios”, *Actas dos ateliers do V Congresso português de sociologia - Sociedades contemporâneas: reflexividade e acção*, Atelier Teorias e metodologias de investigação, pp. 102-107.
- Foddy, William (2002), *Como perguntar. Teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários*, Oeiras, Celta Editora.
- Frey, James e Andrea Fontana (1993), “The group interview in social research”, in David Morgan (ed.), *Successful focus groups. Advancing the state of the art*, London, Sage Publications, pp. 20-34.
- Fuller, Theodore et al. (1993), “Using focus groups to adapt survey instruments to new populations: experience from a developing country”, in David Morgan (ed.), *Successful focus groups. Advancing the state of the art*, London, Sage Publications, pp. 89-104.
- Gaskell, George (2010), “Entrevistas individuais e grupais”, in Martin Bauer e George Gaskell (orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*, Petrópolis, Editora Vozes, pp. 64-89.
- Ghiglione, Rodolphe e Benjamim Matalon (2001), *O inquérito. Teoria e prática*, Oeiras, Celta.
- Gomes, Alberto (2005), “Apontamentos sobre a pesquisa em educação: usos e possibilidades do grupo focal”, *EccoS revista científica*, 7 (2), pp. 275-290.
- Gondim, Sônia (2002), “Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos”, *Paidéia*, 12 (24), pp.149-161.
- Holstein, James e Jaber Gubrium (1997), “Active interviewing”, in David Silverman (ed.), *Qualitative research. Theory, method and practice*, London, Sage Publications, pp. 113-129.

- Knodel, John (1993), "The design and analysis of focus group studies: a practical approach", in David Morgan (ed.), *Successful focus groups. Advancing the state of the art*, London, Sage Publications, pp. 35-50.
- Krueger, Richard (1993), "Quality control in focus group research", in David Morgan (ed.), *Successful focus groups. Advancing the state of the art*, London, Sage Publications, pp. 65-85.
- Liamputtong, Pranee (2011), *Focus group methodology. Principles and practice*, London, Sage Publications.
- Lima, Marinús (1995), *Inquérito sociológico. Problemas de metodologia*, Lisboa, Editorial Presença.
- Lopes, João (1996), *Tristes escolas. Práticas culturais estudantis no espaço escolar urbano*, Porto, Edições Afrontamento.
- Merton, Robert et al. (1990), *The focused interview. A manual of problems and procedures*, New York, The Free Press.
- Miles, Steven (1998), *Consumerism. As a way of life*, London, Sage Publications.
- Miller, Daniel et al. (1998), *Shopping, place and identity*, London, Routledge.
- Moreira, Carlos (1994), *Planeamento e estratégias da investigação social*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Moreira, Carlos, (2007), *Teorias e práticas de investigação*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Morgan, David e Richard Krueger (1993), "When to use focus groups and why" in David Morgan (ed.), *Successful focus groups. Advancing the state of the art*, London, Sage Publications, pp. 3-19.
- Morgan, David (1993), "Future directions for focus groups", in David Morgan (ed.), *Successful focus groups. Advancing the state of the art*, London, Sage Publications, pp. 225-244.
- Morgan, David (1996), "Focus groups", *Annual Review of Sociology*, 22, pp. 129-152.
- Morgan, David (1997), *Focus groups as qualitative research*, Thousand Oaks, Sage Publications.
- Morgan, David (1998), *The focus group guidebook, 1*, Thousand Oaks, Sage Publications
- Neto, Otávio et al. (2002), "Grupos focais e pesquisa social qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação", XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Ouro Preto.
- O'Brien, Kerth (1993), "Improving survey questionnaires through focus groups", in David Morgan (ed.), *Successful focus groups. Advancing the state of the art*, London, Sage Publications, pp. 105-117.
- Pais, José (2001), *Ganchos, tachos e biscates. Jovens, trabalho e futuro*, Porto, Âmbar.
- Pais, José Machado (2007), "O poder das máscaras: ocultações e revelações", *Pesquisa acadêmica, vida cotidiana e juventude: desafios sociológicos*, pp. 1-29.

Disponível em:

http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/sesoes_especiais/sessao%20especial%20-%20jose%20machado%20pais%20-%20int.pdf.

- Patton, Michael (2002), *Qualitative research and evaluation methods*, Thousand Oaks, Sage Publications.
- Ritzer, George e Nathan Jurgenson (2010) “Production, consumption, prosumption: the nature of capitalism in the age of the digital ‘prosumer’”, *Journal of consumer culture*, 10 (1), pp. 13-36.
- Ruane, Janet (2005), *Essentials of research methods. A guide to social science research*, Malden, Blackwell Publishing.
- Ruquoy, Danielle (1995), “Situação de entrevista e estratégia do entrevistador”, in Alabarello, Luc et al., *Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, pp. 84-116.
- Silva, Isabel et al. (2014), “Focus group: Considerações teóricas e metodológicas”, in *Revista Lusófona de Educação* (26). Consultado em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-72502014000100012.
- Trad, Leny (2009), “Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde”, *Revista Physis*, 19, 3. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000300013.
- Weller, Wivian (2006), “Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método”, *Educação e Pesquisa*, 32 (2), pp. 241-260.
- Wolff, Brent et al. (1993), “Focus groups and surveys as complementary research methods: a case example”, in David Morgan (ed.), *Successful focus groups. Advancing the state of the art*, London, Sage Publications, pp. 118-136.
- Zeller, Richard (1993), “Focus group research on sensitive topics: setting the agenda without setting the agenda”, in David Morgan (ed.), *Successful focus groups. Advancing the state of the art*, London, Sage Publications, pp. 167-183.